

**Gabriel Augusto
de Paula Bonfim¹**

O homem que era só metade

The man who was just a half

L'homme qui n'était qu'une
moitié

Resumo

O presente ensaio visual é composto pelo trabalho intitulado “O homem que era só metade”; nele articulam-se processos de criação no campo da Arte Contemporânea que exploram as possibilidades do corpo e do objeto no espaço urbano e as trocas que podem ser estabelecidas entre as potencialidades do espaço e a subjetividade humana.

Palavras-chave: Corpo; Espaço Urbano; Identidade; Performance.

Abstract

This visual essay is composed by the work called “The Man Who Was Just a Half”, in which processes of creation in the Contemporary Arts are articulated, exploring the possibilities of the body and object in the urban space and the exchanges that can be established between the potentialities of space and human subjectivity.

Keywords: Body; Urban Space; Identity; Performance.

Resumen

Le présent essai visuel est composé pour le travail “L’homme qui n’était qu’une moitié”, où s’articulent procédure de création dans le champ de l’art contemporain qui exploitent les possibilités du corps et d’objet dans l’espace urbain et les échanges qui peuvent être établies parmi les potentialités d’espace et la subjectivité humaine.

Mots clefs: Corps; Espace urbain; Identité; Performance.

1 Mestrando bolsista CAPES em Artes Visuais, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos da Universidade do Estado de Santa Catarina (2019-2021), sob orientação da Prof. Dra. Sandra Maria Correia Favero. Possui Graduação em Artes Visuais (Licenciatura) pela Universidade Estadual de Londrina (2019). Tem experiência na área de Artes Visuais e Educação. Participou do projeto de iniciação à docência: PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2015-2017). Atuou como mediador na Divisão de Artes Plásticas - Casa de Cultura UEL (2017-2018). Atualmente participa do grupo de pesquisa Articulações Poéticas (UDESC/CNPq), coordenado por Prof. Dra. Silvana Barbosa Macedo e Prof. Dra. Sandra Maria Correia Favero, investigando processos de caminhadas e criação de narrativas.

Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0445222439680724>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5546-4003>

E-mail: bonfimgap@gmail.com

ISSN: 2175-2346

Regina Melim nos lembra que “O termo “performance” é tão genérico quanto as situações nas quais é utilizado” (2008, p.7). Empréstimo o termo aqui para designar uma ação artística que busca instaurar existências múltiplas que subjetivam um corpo inanimado a partir de contatos (visuais ou corpóreos); sendo estes insolentes em relação aquilo que na engrenagem social estereotipa os comportamentos, as percepções, as ausências, as presenças e os afetos.

O homem que era só metade

Estava sozinho, os seus amores haviam falhado e sentia que tudo faltava pela metade, como se tivesse apenas metade dos olhos, metade do peito e metade das pernas, metade da casa e dos talheres, metade dos dias, metade das palavras para se explicar as pessoas.

Valter Hugo Mãe

Outro dia, eu estava sentado no ônibus a caminho de casa. Estava exausto, era final de semestre, não aguentava mais as provas, os trabalhos, os seminários, as conversas e a rotina acadêmica. Era um desses dias mornos, sem graça, daqueles que você não vê a hora que acabe, que só consegue pensar no amanhã e torce para que seja melhor.

Nos bancos ao meu lado, observei dois homens conversando, não pareciam ser mais velhos do que eu, deviam estar no auge dos seus vinte e poucos anos. Sempre fui curioso e tenho o hábito de prestar atenção em conversas alheias no ônibus, as histórias dos outros me entretêm e amenizam o percurso da viagem que, dependendo do trânsito e das integrações, demora mais de uma hora.

Essa comunicação entre os dois rapazes não era um diálogo comum, como os que tenho com meus colegas; nessa não se ouvia o som da fala, como se espera da maioria das conversas. No lugar dos sons habituais da língua portuguesa, eu só ouvia alguns ruídos aparentemente aleatórios, rumores que soavam como se fossem expelidos da boca de forma involuntária. Esses sons não se caracterizavam como fala, eu não entendia seus sentidos e, aparentemente, eles também não.

A conversa entre aqueles dois homens se dava por meio de gestos em uma velocidade absurda. A ausência da oralidade era substituída pelos gestos manuais e por expressões faciais e corporais: era LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Eu sabia da existência da língua, sempre prestei atenção no intérprete que ocupa o canto inferior da tela da TV durante as campanhas eleitorais e em alguns outros vídeos, mas não compreendia de fato nenhum sinal. Assistir aqueles dois sujeitos conversando com as mãos e interpretando todos os sinais e expressões me despertou a noção de que o portador de deficiência, naquela circunstância, era eu; isso me fez pensar em como a minha comunicação é limitada pela fala. Naquele momento me senti pela metade.

Enchi-me de curiosidade, queria entender o que se passava ali, me perguntei o que eles falavam, será que falavam de mim? O que se passava naquele diálogo? Encarei-os por um longo momento e só me dei conta do que fazia quando percebi que um deles me fitava com alguma desconfiança: ele apontou discretamente para mim, levantou a mão na altura dos olhos e fez um gesto para o colega. Eu fiquei com vergonha, me virei para a janela, coloquei meu fone de ouvido e segui pensando durante a viagem.

Esse encontro me fez refletir sobre a presença e a ausência, no que eu tenho e

no que me falta, no que sou e no que não sou. Me fez compreender que eu sempre estou no meio de duas “coisas”: público e privado, ocupação e invasão, *self* e *selfie*, espaço e lugar, cheio e vazio. Em uma incansável e inevitável dicotomia. Não compreender o discurso que foi realizado com o corpo através dos sinais me fez refletir sobre os meus limites e em como uso meu corpo.

Voltei para a rotina acadêmica da universidade², terminei o semestre, entrei em recesso e esqueci do acontecido. Quando as aulas voltaram, foi iniciado outro semestre repleto de disciplinas novas; a primeira, na segunda-feira, foi LIBRAS³. Quando me dei conta de que passaria a compreender minimamente a língua de sinais, todo o acontecimento do ônibus voltou à minha mente. Conteí o ocorrido para o professor e repliquei de maneira bem precária o sinal que um dos homens fez em minha direção, ele riu e disse que me chamaram de estranho.

Reconheço que a minha imagem deva causar mesmo algum desconforto: posuo boa parte do corpo tatuada – inclusive o rosto, com uma lacraia, um bode e uma palavra na testa, o “vazio” do bordado *cheio, vazio* (1993), de Leonilson. Ser chamado de estranho não me incomoda, inclusive, a estranheza que eu causo nas pessoas talvez seja a estranheza pela qual eu gostaria de ser reconhecido.

O meu corpo é o meu primeiro lugar no mundo e eu faço de tudo para me sentir confortável com ele. É uma tarefa árdua e cheia de responsabilidades: corto o cabelo e pinto de cores fortes sempre que possível, sempre faço tatuagens em meu corpo, pinto as unhas, me maquio e me visto da maneira mais aleatória possível. Além de meu primeiro lugar no mundo, meu corpo é, também, meu principal lugar no mundo.

Para fugir das responsabilidades da minha vida, procurei inventar uma vida nova. Como disse Clarice Lispector: “Decalcar uma vida provavelmente me dava segurança por exatamente essa vida não ser minha: ela não me era uma responsabilidade” (1986, p. 34). Procurei, então, criar um simulacro do meu corpo, produzi um boneco de tecido seguindo as minhas dimensões. O boneco possui 1,82m de altura, foi moldado e costurado em algodão cru e preenchido com isopor picotado.

O sociólogo Stuart Hall questiona a existência de uma identidade única no seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (2014, p.12).

Pensando nas múltiplas identidades possíveis citadas por Hall (2014), eu poderia entender a identidade do boneco como uma espécie de duplo, uma página em branco, já que a identidade é uma fantasia. O boneco se configura como um corpo que se duplica para expandir a sua existência e, ao mesmo tempo para destituí-la de uma única identidade, podendo, assim, ser capaz de ter múltiplas identidades mutáveis, distintas das minhas, de acordo com o contexto em que se insere.

2 Na época graduando em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

3 A disciplina 6EDU132 – LIBRAS (Língua Brasileira de sinais) é ministrada pelo Prof. Dr. André Coneglian. Como o curso é uma licenciatura, o ensino da língua é disciplina obrigatória. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 25 de setembro de 2018.

Eu possuo identidades distintas, na universidade assumo um “eu”, mais centrado, focado, pesquisador. Na “balada”, outro “eu” se manifesta, divertido, dançarino amador, pegador e beberrão. Entre amigos, o “eu” transforma-se num sujeito engraçado e sempre disponível para conselhos e broncas. Já em casa, toma o lugar um “eu” mais reservado, contido e cansado.

Criei o boneco à minha semelhança quanto às dimensões, minha intenção é dividir com ele a responsabilidade de existir, mas também, deixar que ele assuma uma espécie de “vida própria” além de mim. O boneco foi idealizado como um ser neutro, não possui identidade física, ela é projetada na relação corporal comigo, ou com quem com ele se relacionar. Sua identidade é construída a partir do momento em que ele é exposto à vida e não ao contrário.

Quando eu e o boneco adentramos os espaços públicos arrebatamos a atenção das pessoas pela estranheza. Quando passeio com ele, incorporo um estado performático. Não é necessário fazer algo inusitado, só o fato de estarmos juntos, um homem e um grande boneco de pano, já é o suficiente para criar uma situação peculiar, de gerar rupturas na linearidade do cotidiano das pessoas ao se depararem com a ação performática. Desta forma, entendo que o trabalho é constituído na prática diária do caminhar.

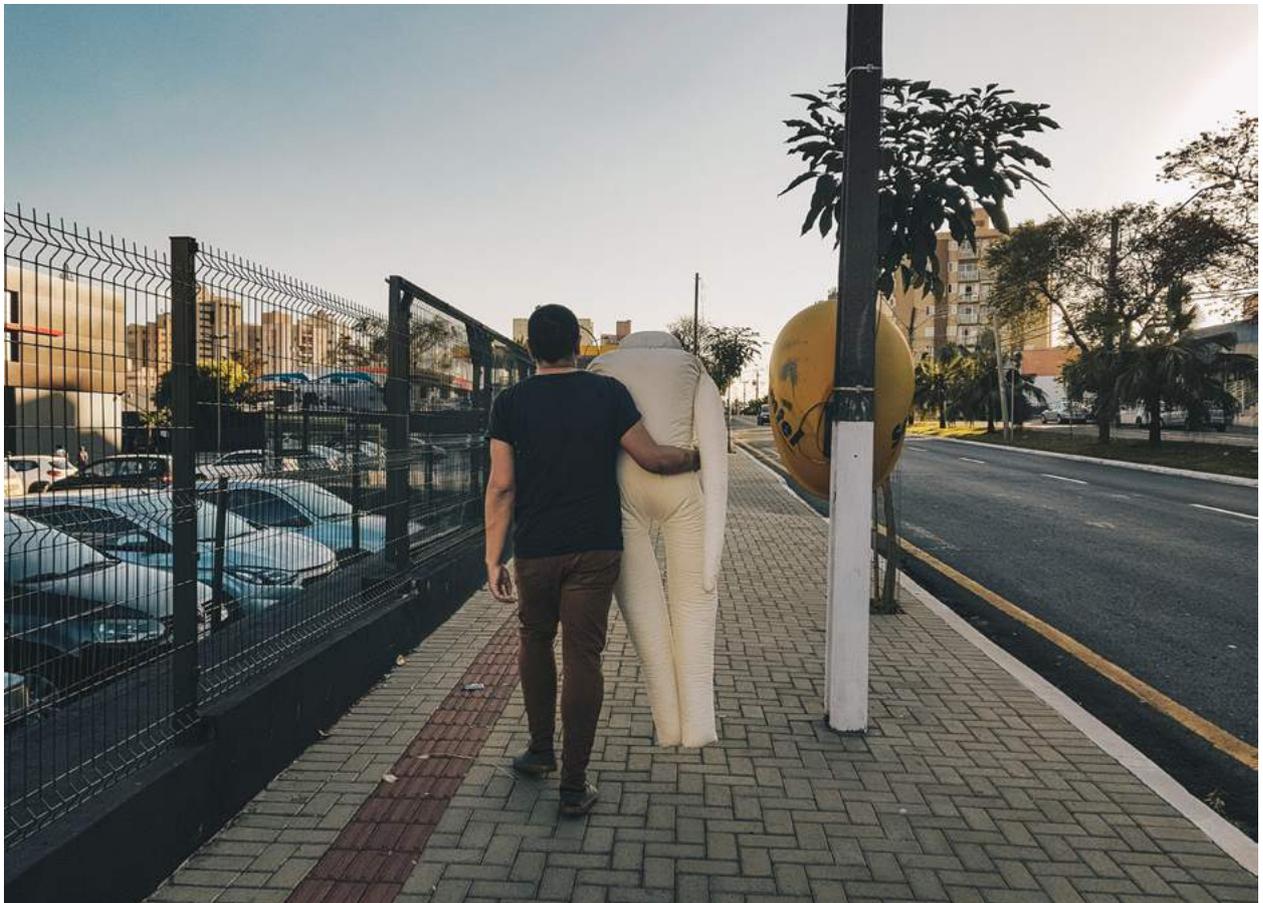
Embarquei no ônibus junto ao boneco, pronto para performar, na esperança de cruzar com o mundo e encontrar os dois rapazes surdos que me chamaram de estranho no outro dia. Queria mostrar para eles e para todos que, agora, não sou estranho sozinho. Sou estranho acompanhado, vezes dois e comigo mesmo. Como diria Manoel de Barros: “Com pedaços de mim eu monto um ser atônito” (1996, p.37).

Sobre os processos artísticos contemporâneos

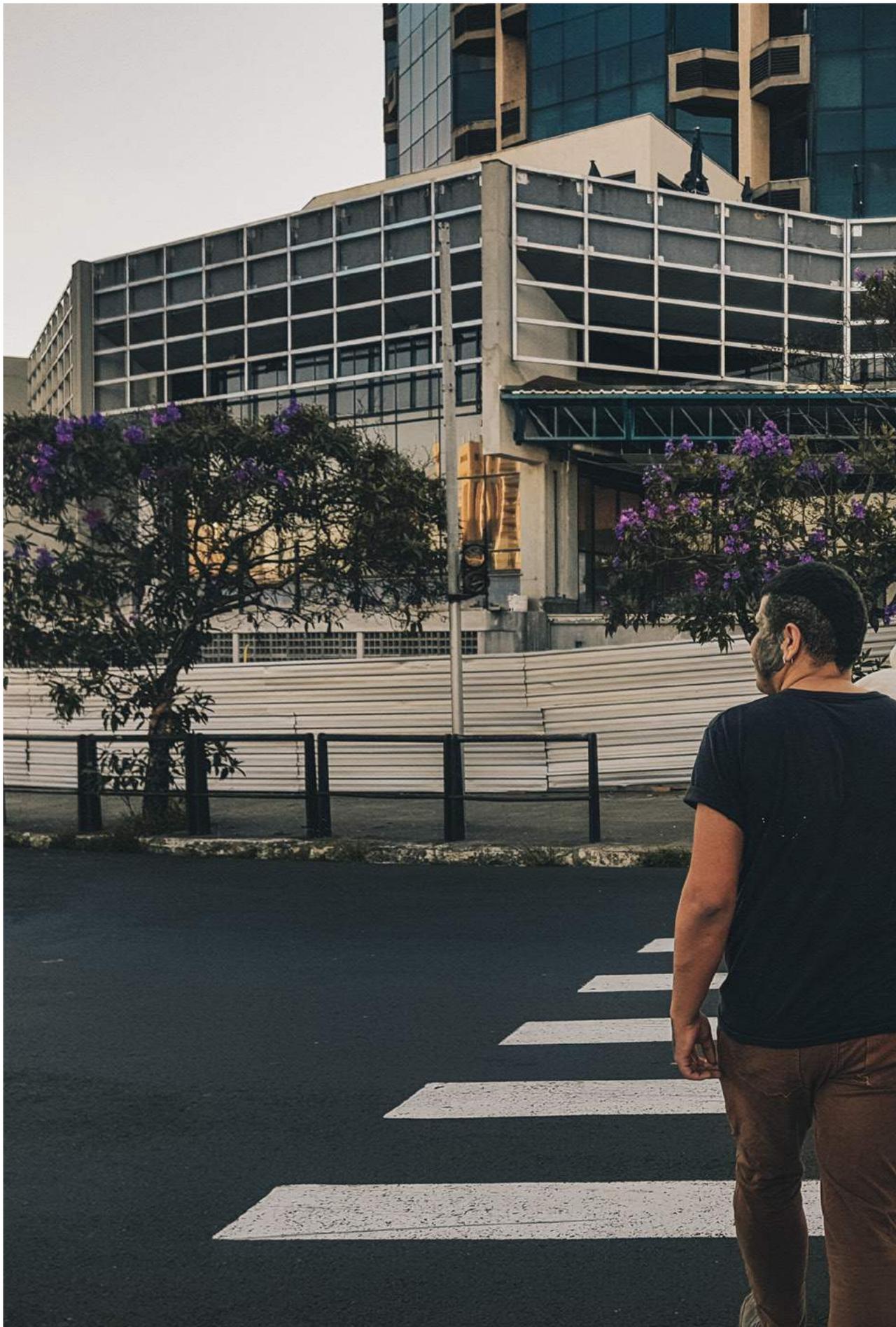
Como tudo aquilo que produzo a fotoperformance com o boneco foi constituída com a ajuda de amigos que realizaram os registros a partir da câmera do meu celular, em um dia de primavera na cidade de Londrina (PR), no ano de 2018.

Este trabalho encontra-se em processo de criação permanente, porque interesse-me, como artista, por deslocamentos e desdobramentos, como encontros comigo mesmo, outros de mim a afetar terceiros. Já não moro em Londrina, me mudei há algum tempo e ainda não consegui trazer o boneco para Florianópolis (SC), minha cidade atual, por dificuldades financeiras e problemas de logística. Ele continua existindo sem mim, serve de consolo e lembrança para minha família e amigos mais próximos. Pretendo trazê-lo para cá em breve, mas antes disso quero que ele realize uma turnê pela casa de alguns amigos e imagino isso como um possível trabalho futuro com registros do período, sobre afetações e performances que posso promover à distância.

Escrever sobre estes processos é sempre um desafio quando lido com as coincidências entre um possível eu e o trabalho que proponho. Pretendo, com essa publicação, evidenciar a importância em compartilhar os processos e narrar os encontros, nos quais a escuta atenta e a ação deliberada singularizam e intensificam a experiência. No atual momento político/histórico que vivemos, resistir é enfrentamento diário, é viver, é lutar e acima de tudo compartilhar projetos de ser, para que todos possam experimentar ser, o que quiserem.



















TUDO POR
R\$ 50.00
mensal

+ Chip Plano
Livre Pré-Pago
R\$ 18.000/mês

+ Plano Mais
(voz fixo)

Banda Larga
10 Mega
Modem
Wi-Fi gratis

2ERCOMTEL
www.2ercomtel.com.br
Rua 103 43 e garagem e sala







Fig. 01 - 10. Gabriel Bonfim, O homem que era só metade, fotoperformance, 2018-2019.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- MÃE, Valter Hugo. *O filho de mil homens*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MELIM, Regina. *Performance nas artes visuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

Submetido em: 30/10/2019

Aceito em: 08/12/2019